



Por Alexandre Mate\*

### O SIGNIFICATIVO E BELO NAVEGAR DE *OTHELITO*.

É verdade: “Não sou eu quem me navega./Quem me navega é o mar.

E ele quem me carrega. / Como nem fosse levar.”

Paulinho da Viola. *Timoneiro*.

A escolha pelo “timoneiro” Paulinho da Viola para, finalizar o belo espetáculo *Othelito* caracteriza-se no derradeiro e significativo achado do diretor Angelo Brandini e do diretor musical Dagoberto Feliz. Juntando, de modo bastante harmônico e coeso, as tradições do palhaço e das máscaras arquetípicas da *commedia dell’arte* ao texto de William Shakespeare, o espetáculo apresenta a história do general mouro Othelo.

No texto original, de 1604 – insuflado pelo ardiloso Iago –, Othelo, cego de ciúme, estrangula sua mulher Desdêmona. Em *Othelito*, e até por se tratar de uma obra destinada sobretudo ao público infantil, não ocorre a morte da protagonista feminina. Na interessante adaptação da obra, também realizada por Angelo Brandini, além de a tragédia não se concretizar (a heroína não caminha da ventura à desventura), o ponto de vista não é o de Othelo, mas o de Desdêmona. Ainda com relação ao texto, a atitude de seu adaptador é popular. Isto é, o autor da obra não se submete e não é subserviente ao texto, toma-o como mote para trazê-lo para perto e, também, para recuperar sua seiva popular e oral. Muitos são os artistas populares que adotam tal procedimento, por não saberem ler ou para buscarem sua oralidade original. Angelo consegue realizar excelentemente essa façanha tanto por ser ator como também palhaço e pertencer aos Doutores da Alegria.

Antes do início do espetáculo, tão logo se entra no teatro, no caso o Espaço Cultural Cine Santana, destacam-se aos olhos a ribalta, não renascentista, mas barroca, representada por um conjunto de conchas abertas e um telão, pintado em preto com fundo branco, com paisagem veneziana. Um ator, que fará Iago, enquanto o público se acomoda, faz soar os toques de campanha, por uma buzina. Um, dois, três toques... Inicia-se o espetáculo: todo cuidado, e engravidado por grande ludicidade. A delicadeza da obra – e o debate após o espetáculo ajudou nisso – pode, mesmo sem que isso possa ser tão verdadeiro, ser tributado ao casamento (na vida real), entre Angelo Brandini e a excelente atriz Christiane Galvan. É notório na obra (e parafraseando a letra de música de Ivan Lins) o casamento entre as “mãos de afeto” do masculino e do feminino na obra *Othelito*.



FUNDAÇÃO  
CULTURAL  
CASSIANO  
RICARDO

*Cultura sem limites*



Ao iniciar o espetáculo, vem à tona o procedimento metateatral da obra: trata-se de um grupo formado por 4 atores que contaram e representaram a história. Cada ator assumi uma máscara ou tipo da *commedia dell'arte*. Christiane Galvan assume, como Brabâncio, o sovina Pantaleone e como Cássio, o romântico, enamorado; a atriz que apresenta Desdêmona (e cujo nome não aparece na ficha técnica) também faz a enamorada; o ator que apresenta Othelito (cujo nome igualmente não aparece na ficha) apresenta o bravateiro capitão; Anderson Spada cria um excelente Brighela. Na obra é notório o trabalho de direção dos atores, característica que tem marcado os trabalhos da **Cia. Vagalum Tum Tum**.

*Othelito* é bom teatro. Assim, tendo em vista que a criança sempre é levada ao teatro pelos adultos, o espetáculo consegue, por meio de detalhes diferenciados, manter a atenção dos adultos e das crianças. Caracteriza-se golpe genial o modo como o lenço incriminador (e duvidoso) na história de Shakespeare é resolvido em *Othelito*. O lenço que tem a função de ligar amorosamente Desdêmona a Cássio transforma-se em recurso paródico dos descuidos das personagens. Portanto, chamado de *deus ex machina*, pelos gregos da Antiguidade clássica, o recurso (como artifício alheio à trama da obra para apressar seu final), é concebido em um índice de percurso, por intermédio do qual Iago é denunciado.

Finalmente, dois reparos podem ser feitos à obra, um de natureza ideológica e outro técnico. Como se sabe, na sociedade humana nada é natural. Valores, procedimentos, comportamentos são veiculados por meio da arte, e não é tola a observação que aqui se faz. Cássio, em dois momentos do espetáculo solta dois sonoros *Yes!* O mundo da propaganda tentou impor, copiando os jovens dos filmes hollywoodianos, a expressão. Apesar da força da propaganda e da televisão, a expressão não colou. Por que impô-la às crianças? Penso que uma obra com a grandeza de *Othelito*, nesse particular, deveria fazer o caminho de volta. Chamou nossa atenção o grande mestre alemão Bertolt Brecht ser fundamental “Desconfiar de tudo na aparência trivial (...) natural.”

O problema técnico, talvez decorrente das apresentações de um dia (característico dos festivais), ocorre com a iluminação. Apesar de haver a ribalta, em muitos momentos o espetáculo é escuro.

O primeiro espetáculo destinado prioritariamente ao público infantil, da 24ª edição do FESTIVALE, representa excelentemente tanto o evento como a categoria.

**Alexandre Mate**

(em ensolaradíssima manhã de um sete-de-setembro.  
“Notícias do Brasil os peixes trazem.”)

---

\* doutor em História Social (FFLCH-USP). Professor de História do Teatro e da Literatura Dramática no Instituto de Artes da Unesp e da Escola Livre de Teatro de Santo André. Pesquisador de teatro e participante do Núcleo Nacional de Pesquisadores de Teatro de Rua

